

Temas Abordados: Campanha Mundial “Construindo Cidades Resilientes, Plataforma Global para a Redução do Risco de Desastres – Sendai e a sua integração com Objetivos do Desenvolvimento Sustentável, Acordo de Paris, Habitat III e a Cúpula Humanitária para a resiliência a desastres.

PUBLICAÇÃO: 20/01/2020



Plano de Resiliência Vinhedo 2017 - 2020

O Plano Local de Resiliência de Vinhedo reúne em suas páginas os melhores esforços do poder público municipal em proporcionar à população condições de vida dignas.

Os marcos regulatórios firmados pela ONU, refiro-me à Cúpula Mundial Humanitária, ao Marco para a Redução de Riscos de Desastres 2015-2030, aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, ao Acordo de Paris e à Habitat III serviram igualmente como fundamentação para o desenvolvimento de iniciativas de resiliência em nossa cidade.

Esse plano traz consigo não o fim de um trabalho, de uma missão. Ele na verdade firma um conjunto de estratégias para dar continuidade e desenvolver mais e melhores iniciativas, tanto por parte do governo quanto por parte da sociedade civil.

O propósito maior dessa obra é orientar e qualificar ainda mais as práticas de redução de desastres, rumo a uma cidade mais humana e segura para seus cidadãos. Representa, portanto, um passo a mais em uma caminhada rumo a novos tempos.

O plano reúne reflexões e práticas que evidenciam um trabalho de equipe. Reunimos segmentos os mais variados na administração municipal em nome do relevante propósito da melhoria das condições de resiliência de Vinhedo. Sob esse aspecto, cabe ressaltar que a colaboração da população foi essencial para fazer esses esforços resultarem em sucesso.

FONTE: https://www.preventionweb.net/files/69834_69834planolocalderesilinciarevisado.pdf

Organização Meteorológica Mundial diz que 2019 foi o 2º ano mais quente já registrado

O ano de 2019 foi o segundo mais quente já registrado, ficando atrás de 2016, de acordo com a análise consolidada da Organização Meteorológica Mundial (OMM) feita a partir dos principais conjuntos de dados internacionais.

As temperaturas médias para os períodos de cinco anos (2015-2019) e de dez anos (2010-2019) foram as mais altas já registradas. Desde os anos 1980, cada década é mais quente que a anterior. A expectativa é de que essa tendência continue devido aos níveis recordes de gases de efeito estufa que retêm o calor na atmosfera.

Tendo como base a média dos cinco conjuntos de dados usados na análise consolidada, a temperatura global anual em 2019 foi 1,1°C mais quente que a média de 1850-1900, usada para representar condições pré-industriais. O ano de 2016 continua sendo o mais quente já registrado devido à combinação de um evento El Niño muito forte, que teve impacto de aquecimento, com as mudanças climáticas de longo prazo.

“A temperatura média global aumentou cerca de 1,1°C desde a era pré-industrial e o conteúdo de calor do oceano está em um nível recorde”, disse o secretário-geral da OMM, Petteri Taalas. “No caminho atual das emissões de dióxido de carbono, estamos seguindo para um aumento de temperatura de 3 a 5 graus Celsius até o final do século.”

As temperaturas são apenas parte da história. O ano e a década passados foram caracterizados pela diminuição das geleiras, níveis recordes de aumento do nível do mar, da temperatura e da acidificação dos oceanos e de condições climáticas extremas.

Esses eventos têm grandes impactos na saúde e no bem-estar dos seres humanos e do meio ambiente, conforme destacado pela Declaração Provisória da OMM sobre o Estado do Clima Global em 2019, apresentada na Conferência de Mudança Climática da ONU, COP25, em Madri. A declaração completa será publicada em março de 2020.

“O ano de 2020 começou onde 2019 parou — com clima de alto impacto e eventos relacionados. A Austrália teve o ano mais quente e seco já registrado em 2019, estabelecendo o cenário para os enormes incêndios florestais que foram tão devastadores para pessoas e propriedades, vida selvagem, ecossistemas e meio ambiente”, disse Taalas.

“Infelizmente, esperamos ver muitos eventos climáticos extremos ao longo de 2020 e nas próximas décadas, alimentados por níveis recordes de gases de efeito estufa na atmosfera”, disse Taalas.

FONTE: <https://public.wmo.int/en/media/press-release/wmo-confirms-2019-second-hottest-year-record>



Crise climática provoca incêndios, ondas de calor e perda de biodiversidade

Dois mil e vinte é um ano decisivo para os tomadores de decisão que lidam com as emergências climáticas e seus efeitos sobre a biodiversidade, assim como para a humanidade como um todo, que precisa prestar atenção nos impactos do aquecimento global sobre os sistemas planetários.

O ano terá dois grandes eventos, conhecidos como “conferências das partes”, sobre a biodiversidade e o clima. Na conferência sobre biodiversidade, as partes chegarão a um acordo e apresentarão um novo conjunto de metas de proteção da natureza para a próxima década.

Uma série de documentos científicos recentes, e principalmente o relatório da Plataforma Intergovernamental Político-Científica de Biodiversidade e Ecossistemas de 2019, afirmou que espécies de plantas e animais estão morrendo a taxas nunca antes vistas e que, apesar de todos os esforços, as temperaturas globais estão subindo.

No início de 2020, grandes incêndios florestais, como os da Austrália, foram noticiados. “Embora os incêndios florestais possam fazer parte de alguns ecossistemas, as mudanças climáticas induzidas pelos seres humanos os tornam mais frequentes, maiores e mais generalizados”, diz Pascal Peduzzi, diretor do Banco de Dados de Informações Globais do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA).

“O aumento dos incêndios florestais tem um duplo impacto na biodiversidade e no clima”, afirmou Peduzzi, que também é gerente de programa da Sala de Situação Mundial do Meio Ambiente do PNUMA.

Nos incêndios florestais no sudoeste da Austrália, em um verão de temperaturas recordes, secas e ventos fortes, mais de 1 bilhão de animais foram mortos, muitos ficaram feridos e enfrentaram falta de água e alimentos.

Um relatório do Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas de 2018 apontou que o clima da região está mudando. “A região continua demonstrando tendências de longo prazo em direção a temperaturas mais altas do ar e da superfície do mar, mais calor extremo e menos de frio extremo e mudanças nos padrões de precipitação.”

“Nos últimos 50 anos, o aumento das concentrações de gases de efeito estufa contribuiu para o aumento da temperatura média na Austrália e na Nova Zelândia, e para a diminuição das chuvas no sudoeste da Austrália.”

A crise climática já chegou e está piorando. O Relatório sobre a Lacuna de Emissões de 2019 do PNUMA alertou que, a menos que as emissões globais de gases de efeito estufa caiam 7,6% ao ano entre 2020 e 2030, o mundo perderá a oportunidade de seguir o caminho da meta de temperatura de 1,5°C do Acordo de Paris.

A Austrália não é o único país a registrar incêndios graves recentemente. Incêndios florestais generalizados ocorreram nos últimos anos em florestas na Indonésia, em Portugal, na Califórnia e até no Ártico.

“Prevê-se que os incêndios aumentem em muitas regiões do mundo sob um clima em mudança. Reduzir as emissões de gases de efeito estufa relacionados à floresta é essencial para mitigar as mudanças climática”, diz Johan Kieft, especialista em ecossistemas e incêndios florestais do PNUMA.

“O setor florestal oferece um potencial significativo para mitigação das emissões de gases de efeito estufa”, acrescenta ele.

Para aproveitar esse potencial, as partes da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima desenvolveram a abordagem Redução de Emissões por Desmatamento e Degradação Florestal (REDD+), fornecendo incentivos para os países reduzirem as emissões do desmatamento e degradação, gerenciar florestas de forma sustentável, conservar e melhorar a estocagem de carbono florestal.

“Os impactos das mudanças climáticas nos incêndios florestais foram amplamente negligenciados nas negociações para o REDD+”, diz Kieft. “Eles são o elo que falta nos planos dos países para conter o aquecimento global”.

O que precisamos fazer, diz Kieft, é levar em conta nesses programas o gerenciamento integrado de incêndios, incluindo as contribuições nacionalmente determinadas, estabelecidas na Convenção.

A biodiversidade terrestre do mundo está concentrada nas florestas: elas abrigam mais de 80% de todas as espécies terrestres de animais, plantas e insetos. Assim, quando as florestas queimam, a biodiversidade, da qual os seres humanos dependem para sua sobrevivência a longo prazo, também desaparece.

De incêndios e secas severas, como as que estão ocorrendo no Zimbábue, às ondas de calor marinhas que estão causando a destruição em massa de corais, com mais de um milhão de espécies atualmente em extinção, os eventos climáticos extremos tornaram-se um motivo de preocupação crescente para a sobrevivência das espécies.

Eventos de branqueamento de recifes de coral tornaram-se cinco vezes mais comuns em todo o mundo nos últimos 40 anos, segundo uma nova pesquisa, e as mudanças climáticas desempenham um papel significativo nesse aumento.

“Estima-se que 50% dos corais do mundo tenham morrido nos últimos 30 anos, e isso deve subir para 90% com o aquecimento de 1,5°C e até 99% com o aquecimento de 2°C” diz Gabriel Grimsditch, especialista em corais do PNUMA.

“O aquecimento induzido pela atividade humana está desempenhando um papel nos incêndios florestais australianos. Como tal, são necessários cortes mais profundos nas emissões de gases de efeito estufa se quisermos conter ou evitar futuros incêndios florestais extremos”, afirma Max Gomera, especialista em biodiversidade do PNUMA.

“A Conferência das Nações Unidas sobre Mudança Climática, realizada em novembro de 2020 em Glasgow, é literalmente uma oportunidade única na vida dos líderes mundiais para se posicionar sobre a crise climática e natural”, acrescentou.

A Década das Nações Unidas sobre Restauração de Ecossistemas 2021-2030, liderada por Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente, Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO) e parceiros abrange os ecossistemas terrestres, costeiros e marinhos.

FONTE: https://www.ipcc.ch/site/assets/uploads/2018/02/WGIIAR5-Chap25_FINAL.pdf



Pnuma quer mais preparação para lidar com “megaincêndios” no mundo

A temperatura média global está agora 1,1°C mais alta do que no início do século passado. Segundo o Programa da ONU para o Meio Ambiente, Pnuma, temperaturas mais altas criam, em algumas partes do mundo, condições mais secas, aumentando a probabilidade e a intensidade de incêndios florestais e megaincêndios.



Relatórios da Austrália mostram que mais de 10 milhões de hectares, uma área do tamanho da Inglaterra, queimaram na segunda semana de janeiro, Foto: Serviços de Emergência e Incêndio de Queensland

Nesse contexto, a agência da ONU destaca que os incêndios florestais que ocorreram na Austrália, na Amazônia, na Califórnia, na bacia do Congo e na Indonésia chamaram

a atenção do mundo para os riscos de longos períodos de clima excepcionalmente quente e seco, um dos efeitos das mudanças climáticas.

Megaincêndios

Megaincêndios são tipicamente definidos como aqueles que cobrem mais de 40 mil hectares, ou 400 quilômetros quadrados, e são acelerados pela combinação de secas e temperaturas altas. Eles são extremamente difíceis de conter, geralmente limitados apenas pela quantidade de vegetação disponível.

Em 2019, o Global Forest Watch contabilizou mais de 4,5 milhões de incêndios em todo o mundo que atingiram mais de 1 quilômetro quadrado. São 400 mil incêndios a mais que 2018 e mais de duas vezes o número de incêndios de 2001.

Fora isso, quase todos, 96% dos 500 megaincêndios mais desastrosos da última década, ocorreram durante períodos de clima excepcionalmente quente e seco.

Brasil e Austrália

O Pnuma destaca que até o final de 2019, o Brasil, a República Democrática do Congo, a Rússia e os Estados Unidos registraram megaincêndios em escalas sem precedentes.

Na Austrália, onde restam mais de dez semanas para o final da temporada de seca, que vai de dezembro a março, esta temporada de incêndios florestais já está caminhando para ser uma das piores já registradas.

Relatórios do país mostram que mais de 10 milhões de hectares, uma área do tamanho da Inglaterra, queimaram na segunda semana de janeiro, provocando mortes de pessoas e destruindo casas.

A agência da ONU aponta ainda que é provável que 1 bilhão de animais tenha morrido direta ou indiretamente por conta dos incêndios, que provocaram prejuízos para a economia australiana e tiveram impactos nas indústrias da agricultura e do turismo, entre outras.



Incêncio na floresta Amazônia no Brasil (2019). Foto: 17ª Brigada de Infantaria de Selva/Rondônia

Ondas de Calor

O aumento da temperatura global foi marcado por sucessivas ondas de calor no verão australiano. A temperatura máxima média em todo o continente ultrapassou 40°C em 11 dias do mês, superando o recorde anterior de sete dias, em 2018. Apenas quatro dias entre 1910 e 2017 tiveram uma média superior a 40°C, sendo que dois em 1972 e dois em 2013.

Segundo o Pnuma, os fenômenos climáticos de seca e de ondas de calor extremos apenas aumentam o risco de mais incêndios catastróficos na Austrália.

Nova realidade

O especialista em Mudanças Climáticas da agência da ONU, Niklas Hagelberg, alerta que “os megaincêndios podem muito bem tornar-se a nova realidade à medida que as temperaturas globais continuarem subindo.” Para ele, “governos, empresas, indústria e a sociedade civil nos países do G20, responsáveis por 78% das emissões de gases de efeito estufa, devem estabelecer metas e prazos para a descarbonização.”

Hagelberg diz que é preciso “abraçar o potencial e as oportunidades de um mundo alimentado por energia renovável, tecnologias de eficiência, sistemas alimentares inteligentes e transportes e edifícios com emissão zero.”

Ameaças

O Pnuma enfatiza que em algumas décadas, quando o mundo atingir um aquecimento de 1,5°C, as ameaças permanecerão. Para a agência, à medida que a assistência internacional foi urgentemente convocada para a Austrália, a humanidade pareceu estar despreparada para enfrentar essa nova realidade.

Esses incêndios ilustram o estado das catástrofes humanitárias, ecológicas e econômicas de um clima em mudança. O Pnuma enfatiza que aquecimento é um sombrio acerto de contas, não apenas para a Austrália, mas para o mundo inteiro que os assiste.

FONTE:https://news.un.org/pt/story/2020/01/1700512?utm_source=ONU+News+-+Newsletter&utm_campaign=7cf008c9d2-

EMAIL_CAMPAIGN_2020_01_15_01_00&utm_medium=email&utm_term=0_98793f891c-7cf008c9d2-105027597



Progredir com dados sobre educação em situações de emergência

Desde janeiro de 2018, o Centro de Dados Humanitária fez uma parceria com a [Educação Above All Foundation](#) para melhorar o acesso aos dados sobre a educação em situações de emergência. A plataforma Humanitária Data Exchange (HDX) agora abriga mais de 2.000 conjuntos de dados de educação, um aumento de 500% nos últimos dois anos.

O Centro de Dados Humanitária tem trabalhado de perto com o Cluster Global Education eo Inter-Agência de rede para a Educação em Situação de Emergência para conjuntos de dados pós-alto valor de grupos de educação nacionais e sub-nacionais em muitos países, incluindo a Nigéria , lêmen , e Bangladesh (Cox de Bazar) . Grande parte dos dados estatísticas da educação vem de relacionamentos existentes com parceiros como a UNESCO e UNICEF , que juntos postou mais de 300 conjuntos de dados em HDX.

FONTE https://centre.humdata.org/progress-with-data-on-education-in-emergencies/?utm_source=INEE+email+lists&utm_campaign=44cfc875cc-EMAIL_CAMPAIGN_2019_05_15_02_04_COPY_01&utm_medium=email&utm_term=0_710662b6ab-44cfc875cc-25743853



GLOBAL COMPACT
ON REFUGEES
DIGITAL PLATFORM

Pacto Global sobre Refugiados Plataforma Digital

Esta é uma plataforma de comunidade. É para todos os atores que estão criando, de apoio, ou que executam projetos que visam dar refugiados e as suas comunidades de acolhimento mais apoio, encontrar soluções de longo prazo, e oferecem oportunidades para os refugiados para crescer e levam uma vida economicamente independentes. Aqui, você são incentivados a partilhar as suas boas práticas. Estes são projetos e iniciativas que estão em conformidade com os objetivos do Pacto Global sobre os Refugiados, e têm aprendizagens concretas que podem inspirar os outros a apoiar refugiados e ajudar a informar novos projetos.

Você também vai encontrar uma seção sobre as promessas e contribuições que foram feitas no primeiro Fórum Global de Refugiados em dezembro de 2019, incluindo um sistema para monitorar a implementação dessas contribuições.

FONTE: https://globalcompactrefugees.org/home?utm_source=INEE+email+lists&utm_campaign=44cfc875cc-EMAIL_CAMPAIGN_2019_05_15_02_04_COPY_01&utm_medium=email&utm_term=0_710662b6ab-44cfc875cc-25743853



OMS destaca 13 maiores desafios de saúde para a próxima década

Agência da ONU destacou temas como mudança climática, qualidade de medicamentos, novas tecnologias e epidemias; para o diretor-geral da OMS, “nenhuma dessas questões é simples de resolver, mas é possível fazê-lo.”

Com o início de um novo ano e uma nova década, a Organização Mundial de Saúde, OMS, está divulgando uma lista de desafios urgentes e globais à saúde.

A lista foi criada com a contribuição de especialistas de todo o mundo e destaca que os recursos sendo investidos nas principais prioridades são insuficientes.

Importância

Em nota, o diretor-geral da OMS, Tedros Ghebreyesus, disse que essa falta de investimento “coloca vidas, meios de subsistência e economias em risco.” Segundo ele, “nenhuma dessas questões é simples de resolver, mas é possível.”

Para Ghebreyesus, “a saúde pública é uma escolha política” e é preciso “perceber que a saúde é um investimento no futuro.”

O chefe da ONU disse que “os países investem na proteção de seu povo contra ataques terroristas, mas não contra o ataque de um vírus, que pode ser muito mais mortal e muito mais prejudicial.”

1 - Manter serviços de saúde limpos

Cerca de um em cada quatro centros de saúde em todo o mundo têm falta de serviços básicos de água potável. A OMS trabalha com 35 países de rendas média e baixa para melhorar as condições de higiene em seus hospitais.

2- Destacar importância da saúde no debate sobre clima

A crise climática é uma crise de saúde. A poluição do ar mata cerca de 7 milhões de pessoas todos os anos e a mudança climática causa desastres naturais que aumentam a subnutrição e ajudam a espalhar doenças infecciosas como a malária.

Em 2019, mais de 80 cidades de 50 países assumiram o compromisso de cumprir as regras da OMS sobre qualidade do ar. Em 2020, a agência da ONU quer criar uma série de recomendações políticas sobre o tema.

3 – Cuidados em locais de conflito e crises

No ano passado, os maiores surtos de doenças aconteceram em países afetados por conflitos. A OMS registrou 978 ataques a instalações de saúde em 11 países, causando pelo menos 193 mortes. A OMS respondeu a 58 emergências em 50 países. O problema deve continuar esse ano.

4 – Tornar os cuidados de saúde mais justos

Os cidadãos dos países mais ricos tem uma expectativa média de vida 18 anos mais alta do que as pessoas dos países mais pobres. A OMS afirma que uma das melhores formas de combater a desigualdade é através dos cuidados primários e está pedindo que os países invistam 1% do seu Produto Interno Bruto, PIB, nesta área.

5 – Melhorar acesso a medicamentos

Cerca de um terço das pessoas em todo o mundo têm falta de acesso a medicamentos, vacinas, ferramentas de diagnóstico e outros produtos de saúde essenciais. Em 2020, a OMS vai focar seu trabalho em combater remédios falsificados, controlar a qualidade dos medicamentos e, por fim, para melhorar o diagnóstico e tratar doenças crônicas.

6 – Combater doenças infecciosas

A OMS estima que infecções como HIV, tuberculose, hepatite, malária e outras serão responsáveis pela morte de 4 milhões de pessoas em 2020. A agência diz que existe “uma necessidade urgente de maior vontade política” para melhorar os serviços de imunização e combater os efeitos da resistência a antibióticos e outras drogas.

7 – Preparação contra epidemias

A agência da ONU afirma que o mundo gasta mais recursos na resposta a surtos de doenças do que na sua prevenção. A agência diz que novos casos são inevitáveis e que, por isso, os países devem investir em serviços para manter as suas populações seguras.

8 – Proteção de produtos perigosos

Cerca de um terço de todas as doenças são causadas por falta de comida, alimentos pouco seguros ou dietas pouco saudáveis. A OMS atua com os Estados-membros para criar novas políticas e definir investimentos nessa área. Um dos objetivos é limitar o consumo de gorduras trans até 2023.

9 – Investir nos funcionários de saúde

Falta de investimento dito a falta de funcionários de saúde em todo o mundo. Até 2030, serão necessários mais 18 milhões de trabalhadores nesta área em países de rendas média e baixa, incluindo 9 milhões de enfermeiros e parteiras. Para chamar a atenção para o problema, a agência designou 2020 como o Ano Internacional dos Enfermeiros e Parteiras.

10 – Manter os adolescentes seguros

Mais de 1 milhão de adolescentes entre os 10 e os 19 anos morre todos os anos. As principais causas são acidentes de viação, HIV, suicídio, doenças respiratórias e violência. Em 2020, a OMS irá publicar novas diretrizes para políticos, funcionários de saúde e professores para melhorar a saúde mental desta população e prevenir o uso de drogas, do álcool e melhorar a informação sobre temas como HIV.

11 – Ganhar a confiança das pessoas

Segundo a OMS, a saúde pública é ameaçada por informação falsa nas redes sociais e pela falta de confiança nas instituições públicas. O movimento anti-vacinas, por exemplo, contribuiu para o aumento do número de mortes em doenças que podem ser prevenidas. A agência está trabalhando com o Facebook, o Pinterest e outras redes sociais para garantir que as pessoas têm acesso a informação de qualidade.

12 – Uso de novas tecnologias



Novas tecnologias estão mudando a forma como se previne, diagnostica e trata muitas doenças. Segundo a OMS, “manipulação genética, biologia sintética e tecnologias digitais como inteligência artificial podem resolver muitos problemas, mas também levantam questões e desafios sobre monitoramento e regulação.”

13 – Proteção de medicamentos

Para a agência da ONU, “o desenvolvimento de resistência antimicrobiana ameaça atrasar a saúde moderna em várias décadas, para uma época antes do desenvolvimento de antibiótico.” Por isso, a OMS trabalha com autoridades nacionais e internacionais para resolver as causas do problema e, ao mesmo tempo, pedindo mais investigação de novos antibióticos.

FONTE: <https://www.who.int/news-room/photo-story/photo-story-detail/urgent-health-challenges-for-the-next-decade>

EVENTOS



CURSO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Uma parceria entre Unesp, Fatec – São José dos Campos, Centro de Estudos e Pesquisas sobre Desastres da USP e a Defesa Civil do Estado de São Paulo

Logística aplicada em Operações Humanitárias e Desastres Naturais

Data: 11 e 12/fev/2020

Horário: 09 às 18 h

Local: Fatec – Prof. Jessen Vidal (S.J. dos Campos)



Gratuito

Destinado aos profissionais que atuam na prevenção e socorro a desastres naturais.
Participação mediante doações de alimentos, roupas e calçados para uso em exercício prático e posterior distribuição.

Requisitos: Ensino médio, conhecimentos básicos de MS Excel e Internet.

Vagas Limitadas
Inscrições até 05/fev/2020:

Inscrições através do site: www.fatecsjc.edu.br





2ª Conferência Internacional de Riscos Urbanos (ICUR2020)

A Segunda Conferência Internacional sobre Riscos Urbanos (ICUR2020) será realizada em Lisboa de 23 a 25 de junho de 2020. O ICUR2020 é um evento bilíngue e é dedicado a todos os profissionais envolvidos em questões de riscos urbanos, como formuladores de políticas, geógrafos, planejadores urbanos, engenheiros, técnicos de proteção civil, pesquisadores e partes interessadas com responsabilidades no campo da redução do impacto de riscos naturais e tecnológicos nas sociedades urbanas.

A conferência cobrirá várias questões relacionadas à gestão, avaliação e mitigação de riscos naturais e tecnológicos, bem como seu impacto na saúde e nas sociedades. Será dada ênfase particular aos riscos associados às mudanças climáticas, com impactos significativos nas áreas urbanas e na comunicação de riscos.

Todos os pesquisadores são convidados a enviar um resumo estendido (máximo de 4 páginas) para a conferência ICUR2020. O prazo final é 31 de janeiro de 2020.

Para mais informações

FONTE: <https://www.ceru-europa.pt/icur2020/en/index.htm>

INFORMAÇÕES

PROMOTOR BRASIL

<http://www.unisdr.org/campaign/resilientcities/Home/viewalladvocates#page-3>

CAMPINAS RESILIENTE - OBSERVATÓRIO

<https://resiliente.campinas.sp.gov.br/observatorio>

REDE DE CIDADES RESILIENTES DE LINGUA PORTUGUESA

<http://www.cidadesresilientes.net/>

PREVENTIONWEB

<http://www.preventionweb.net/english/>

SECRETARIA NACIONAL DE PROTEÇÃO E DEFESA CIVIL

<http://www.mi.gov.br/web/guest/cidades-resilientes>